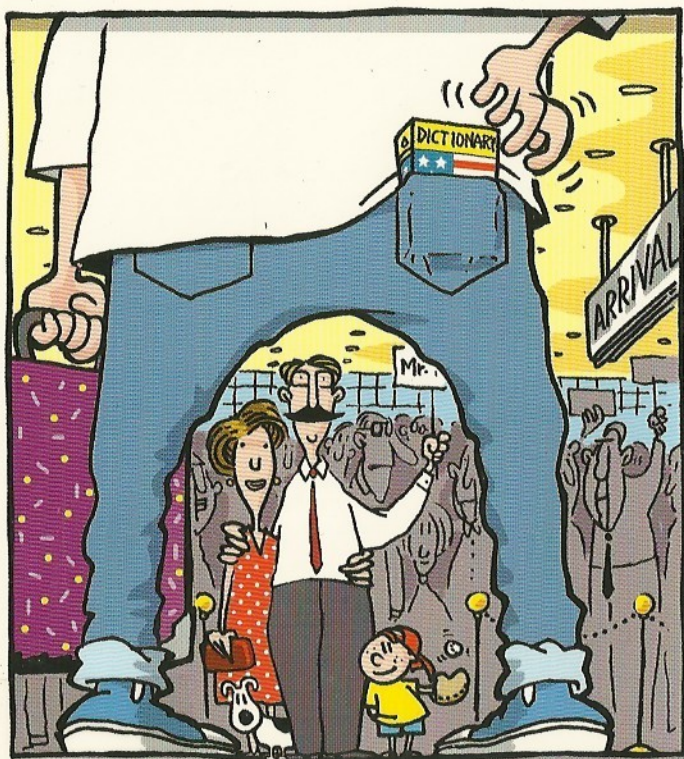


Texto apresentado em:

SEBEN, Andréa. Intercâmbio Cultural: um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo. Prefácio de Reinaldo Matias Fleuri. Porto Alegre: Artes e ofícios, 2001.

# Intercâmbio Cultural

Um guia de educação intercultural para ser  
cidadão do mundo.



a Fleuri

43 i + Fleuri 617p

ANDRÉA SEBEN

artes  
e Ofícios

Andréa Sebben

# INTERCÂMBIO CULTURAL

Um guia de educação intercultural para ser cidadão do mundo



Porto Alegre – RS

1999

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO/11
ANTES DE COMEÇAR, UM POUCO DE HISTÓRIA.../14
PREPARANDO-SE PARA SER CIDADÃO DO MUNDO/17
O momento de decisão/18
Os sentimentos/18
Preparando para a partida/20
Um novo país: esse amigo desconhecido/32
Os primeiros dias de chegada/34
Uma nova cultura/36
Uma nova família/39
Sugestões para sua segurança/43
PREPARANDO-SE PARA EMBARCAR OS FILHOS/47
Quem quer fazer intercâmbio: você ou seu filho?/48
Situação hospedeira/50
O embarque/52
"Quem vai" – como fica?/54
E "quem fica" – como vai?/61
O retorno tão esperado/66
CONHECENDO A FAMÍLIA HOSPEDEIRA/68

A família anfitriã/69
Sua motivação/69
Suas expectativas/70
Preparando-se para receber o intercambista/73
O desafio de ser intercambista/76
As boas-vindas/80
A adaptação/83
Sugestões <i>du chef</i> /86
A experiência transcultural dentro de uma família/90
PARA ENCONTRAR O "CAMINHO DE VOLTA"/93
Preparando-se para o retorno/94
Adeus, velho amigo!/96
As visões futurísticas: e agora?/99
E quem fica esperando?/101
Os primeiros dias de B-R-Ã-S-I-L!/104
E todos os meus dias de Brasil.../108
CONCLUSÃO/111
GLOSSÁRIO DO CIDADÃO DO MUNDO/113
EDUCAÇÃO INTERCULTURAL/117
Quem já fez/117
Onde encontrar/125

Quando eu era pequeno diziam-me que se a gente fizesse um buraco em baixo dos pés e atravessasse todo o globo, chegaríamos no outro lado do mundo, no Japão. E eu ficava imaginando como seria viver de "cabeça para baixo". Quando contei essa fantasia a meus amigos no Japão, um deles me disse: "Interessante! Eu também imaginava isso sobre o Brasil!"

Pois é isto, prezado intercambista: viajar não é uma experiência de continuidade. É uma experiência de contraste, de choque de descontinuidade. Já na ida, a viagem exige da gente – mente e corpo – uma mudança profunda. Quanto tempo a gente fica dentro de uma avião até chegar em nossos países hospedeiros? E o que dizer dos fusos horários?

Viajar tem sempre o sabor de aventura. É uma experiência do diferente, do incomum, implica uma ruptura com o que nos parece óbvio. É sair do próprio cotidiano, da rotina e entrar no imprevisível, e isso exige uma certa preparação.

Pois esse livro é a preparação que faltava. Com uma linguagem direta e jovial, oferece inúmeras dicas para quem se propõe a sair do próprio ambiente, inserir-se em outro país e, depois, enfrentar o regresso. Com inteligência e maturidade, também aconselha os pais que embarcam seus filhos e orienta as famílias que recebem jovens intercambistas. Trata das emoções e das atitudes, das ansiedades e das expectativas inerentes à aventura de um mergulho no exterior. Esclarece com simplicidade e profundidade questões complexas que envolvem a relação intercultural.

Morar em outro país e conviver com pessoas de cultura diferente é uma ocasião especial de grande intensidade e de profundo significado para a formação, tanto de quem viaja, quanto da família de origem ou anfitriã. Trata-se de uma experiência muito mais complexa e mais impactante do que uma viagem turística. O turista observa lugares e situações novas, sem colocar em questão

seu ponto de vista, nem entender em profundidade o modo de viver local. No intercâmbio, o jovem e a jovem se propõem a reconhecer o mundo e a si mesmo através do olhar de um outro povo, e a compreender o outro povo a partir da lógica de sua própria outra cultura.

Na experiência intercultural, a gente tem a possibilidade de se olhar com os olhos de outros e, com isso, descobrir novos significados de nosso modo de ser, de pensar e de sentir. Nas interpretações que os outros fazem a nosso respeito, descobrimos limites e limiares desapercibidos de nossa cultura e de nosso grupo social. Por outro lado, ao nos colocarmos no lugar do outro, temos a possibilidade de entender a lógica de seu modo de ser: o que nele nos parecia esquisito revela seu sentido peculiar. Passamos, então, a entender o outro e o seu contexto, não somente como contraponto do que pressupomos, mas a partir da complexidade de sua história e de sua vida.

O medo e a insegurança frente a seres e contextos estranhos têm nos levado a interagir com os outros segundo a lógica da oposição: tendemos a excluir e negar tudo o que não é assimilável ao nosso jeito de ser. Mas a complexidade dos conflitos humanos, sociais, culturais e ecológicos, que vivenciamos atualmente no processo de globalização econômica e tecnológica, exige modos mais elaborados de entendimento e de convivência que possibilitem o reconhecimento das diferenças e o tratamento dos conflitos com base no diálogo e na cooperação. É justamente este o desafio assumido nos processos de educação intercultural.

O livro que você tem agora em mãos, ao falar da preparação para uma viagem de intercâmbio, tem muito a dizer a todo homem e toda mulher que esteja se construindo como cidadão do mundo.

**Reinaldo Matias Fleuri**